



RTEP
REVISTA ISSN: 2316-1493
TURISMO
ESTUDOS & PRÁTICAS

BOM JESUS DA LAPA: A CAPITAL BAIANA DA FÉ – ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS

BOM JESUS DA LAPA: THE BAIAN CAPITAL OF FAITH – GEOGRAPHICAL ANDS HISTORICAL ASPECTS

Rônei Rocha Barreto de Souza¹
Adriano de Oliveira Sampaio²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a produção de sentido das Romarias do Santuário do Bom Jesus da Lapa por intermédio das estratégias de visibilidade da cidade e sua marca lugar - viés do turismo - em oposição às narrativas locais a partir dos relatos daqueles (as) que vivenciam a cidade. Essa pesquisa, de âmbito doutoral, descreve a cidade de Bom Jesus da Lapa (aspectos geográficos, sociais, econômicos), bem como o Santuário (desde sua descoberta até a atualidade). A reflexão sobre desenvolvimento aqui é apresentada de forma não linear e toma como referência Furtado (1974) e Krenak (2019). Para tanto, analisa como se deu o povoamento da cidade e observa seus indicadores econômicos e sociais do município, assim como as transformações ocorridas no espaço geográfico por conta das Romarias. **Palavras-chave:** Romaria, Santuário, Bom Jesus da Lapa.

¹ Professor Adjunto do Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória da Universidade Federal do Oeste da Bahia (CMSMV /UFOB). Doutor pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Poscultura/IHAC/UFBA). Mestre em Administração pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Pós-graduado (*lato sensu*) em Turismo e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e em Administração pela Faculdade do Cerrado Piauiense (FCP). Atua principalmente nos seguintes temas: comunicação, publicidade, propaganda, administração, marketing, propaganda, publicidade, administração, atendimento, qualidade, gestão e branding. Membro do Grupo de Pesquisa LOGOS - Comunicação Estratégica, Marca e Cultura certificado pelo CNPQ em 2014. ORCID: 0000-0002-5961-5662. E-mail: roneirbsouza@gmail.com.

² Professor associado da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA) e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Poscultura/IHAC/UFBA). Professor Visitante na Universidade do Quebec em Montreal (UQÀM) (Canadá/Montreal), Capes-Print 2023/24. Bolsista Pós-Doutorado Sênior CNPQ, vinculado ao INCT-INTREE (2024). Pós-Doutorado pela ECA/USP (2016-2017). Doutor e mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas - UFBA, com estágio doutoral pela Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle, graduado em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia. Atua, principalmente, nos seguintes temas: comunicação pública, marca lugar, análise do discurso, posicionamento discursivo, teoria e pesquisa em políticas de comunicação, cultura e direitos humanos. É líder do Grupo de Pesquisa: LOGOS - Comunicação Estratégica, Marca e Cultura, certificado pelo CNPQ em 2014. Pesquisador da RedLaco - Red Latinoamericana de Investigación en Comunicación Organizacional. ORCID: 0000-0002-2014-9465.



ABSTRACT: This article aims to analyze the production of meaning of the Pilgrimages of the Sanctuary of Bom Jesus da Lapa through the strategies of visibility of the city and its brand place - tourism bias - as opposed to local narratives from the reports of those who experience the city. This doctoral research describes the city of Bom Jesus da Lapa (geographical, social, economic aspects), as well as the Sanctuary (from its discovery to the present). The reflection on development here is presented in a non-linear way and takes as reference Furtado (1974) and Krenak (2019). To do so, it analyzes how the settlement of the city took place and observes its economic and social indicators of the municipality, as well as the transformations that occurred in the geographical space due to the Pilgrimages. **Keywords:** Pilgrimage, Sanctuary, Bom Jesus da Lapa.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as Romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, cidade do Vale São Franciscano da Bahia, situada a 796 km da capital estadual, conhecida como a "Capital Baiana da Fé" e que é considerada a terceira maior romaria do Brasil (Prefeitura..., 2020). As Romarias também conhecidas como peregrinações católicas, acontecem desde o século V e remetem ao deslocamento de pessoas para Roma e a principal motivação é estar próximo ao lugar onde a Virgem Maria, Jesus Cristo ou outro santo viveu (Rosendahl, 2002). Em Bom Jesus da Lapa, não existe uma romaria, mas sim romarias que duram de maio até janeiro de cada ano (inicia com a Romaria do Terço dos Homens em maio - em 2019, que aconteceu nos dias 10 e 11 de maio - e finaliza com a Festa do Bom Jesus dos Navegantes que aconteceu entre os dias 09 e 12 de janeiro de 2020) (Portal..., 2020). Abamanssur (2003) argumenta que muitas cidades dependiam, na Idade Média, das peregrinações para movimentar a economia local. As Romarias do Santuário do Bom Jesus da Lapa lançam sentidos peculiares ao que denominamos como espetáculo, pois tal argumento condiz com o que Rubim (2005) diz que, ao considerar que em tempos da modernidade e, mais intensamente, na contemporaneidade, o espetáculo se emancipou das práticas sociais políticas e religiosas, e pode ser enquadrado nos parâmetros da indústria cultural.

As Romarias ao Santuário de Bom Jesus da Lapa impulsionam a economia no município. Sendo assim, indaga-se como se dá o planejamento das Romarias bem como se há mensuração de indicadores econômicos por quem fomenta a festa, bem como os sujeitos envolvidos na economia criativa do evento. Percebe-se que há uma relação socioeconômica estratificante nas Romarias, que se aproxima da concepção de Bourdieu (1983, p. 89), para quem a sociedade se articula por "espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços". Neles, os sujeitos sociais obedecem às "leis gerais dos campos: campos tão diferentes como o campo da política, o campo da filosofia, o campo da religião possui leis de funcionamento invariantes".

As Romarias realizadas no Santuário de Bom Jesus da Lapa promovem interação com a sociedade lapense. Percebe-se que as festas possuem organização, execução e consumo como iniciativas de diversos sujeitos, e não apenas, conforme o viés crítico mais comum, do poder da Igreja Católica como também do Poder Público (seja o municipal e/ou estadual) constituído com diversos propósitos. Rubim (2005) assevera que há forças conflitantes que atuam na organização, produção, realização, comunicação e consumo dos espetáculos, e nem sempre a vontade do Estado acaba prevalecendo



(aqui a Igreja possui papel relevante). Krenak (2019) afirma que é importante que o desenvolvimento seja alinhado com os vínculos ancestrais da humanidade; sem isso, não há humanidade e o viés da sustentabilidade também é tida como falácia.

Então, se a movimentação econômica em torno da fé, como é o caso de Aparecida em São Paulo, Juazeiro do Norte no Ceará e Bom Jesus da Lapa na Bahia, porque não a considerar com um campo criativo como a UNESCO propõe a exemplo da literatura, gastronomia e música? Assim, a partir do estímulo textual de desconstrução de Derrida citado por Williams (2012), deve-se olhar a partir das possibilidades do “desdobramento” ao invés de olhar através da premissa econômica. Sua proposta de decomposição dos elementos da escrita nos auxiliaria no processo de análise e interpretação que aqui vai além do texto e ganha o contexto.

A análise da marca lugar “Bom Jesus da Lapa: capital baiana da fé” ampara-se nas discussões teórico-metodológicas adotadas pelo Grupo de Pesquisa LOGOS³ - Comunicação Estratégica, Marca e Cultura, que se ancora numa análise textual das manifestações da marca com aporte teórico de Semprini (2010), a saber: fala dos gestores, peças e campanhas de comunicação estratégica, somada com uma análise contextual (de documentos oficiais planos de turismo, cultura, de desenvolvimento urbano, dentre outros).

Sabe-se que as Romarias do Santuário do Bom Jesus da Lapa são recursos de diversos âmbitos utilizados no desdobramento do campo social e político, consequência de uma construção de redes de afetos, que oportuniza uma nova cartografia agenciada pelas possibilidades mútuas de transformação e favorecendo as potências dos agenciamentos solidários, ou seja, renovações e ações libertadoras construídas a partir da sociabilização. Desta forma, essa construção sociocultural e política que se estruturam em teias e redes de afetos possibilitam os desdobramentos desses rizomas⁴ e funcionam de maneira complexa. Além disso, vão se modificando e se reestruturando a todo momento, pois os eventos são vivos e funcionam como fonte econômica e sustentável para o município de Bom Jesus da Lapa - Bahia.

A CIDADE QUE NASCEU NO ENTORNO DE UMA GRUTA (ASPECTOS GEOGRÁFICOS E ECONÔMICOS)

As cidades ribeirinhas atrelam seu crescimento em volta do rio, por conta da relevada importância dos recursos hídricos. Porém, Bom Jesus da Lapa desenvolveu-se em torno do Santuário (Castro, 2005). Oliveira (2014) afirma que a história de Bom Jesus da Lapa está intrinsecamente ligada ao Santuário. É considerada a “Meca dos Sertanejos” (Cunha, 1985, p. 375). Silva (2017) ratifica o pensamento de Oliveira (2014) acerca do movimento religioso que ajudou a fundar a cidade, também conhecida como “terra de romaria”. Não há informação concreta sobre o povoamento do município de Bom Jesus da Lapa. Barbosa (1995) aponta que o padre Francisco de Mendonça Mar pode ser considerado o fundador do povoado no entorno do morro que se situa a Gruta do Bom Jesus da Lapa. Silva (2017) descreve que há controvérsia nessa história. A pesquisadora aponta que Antônio Guedes de Brito, proprietário das terras denominadas de Fazenda Morro ou Itaberaba, pode ser considerado como o fundador do povoado.

³ O grupo de estudo e pesquisa busca compreender o fenômeno da marca e da cultura na contemporaneidade, bem como as suas implicações nas dimensões de produção, circulação e consumo de bens culturais e é certificado pelo CNPQ desde 2014.

⁴ A partir das reflexões de Deleuze e Guattari sobre o termo rizoma e dos apontamentos feitos por Williams (2012) sobre os autores.



A história da cidade se entrelaça com a do Santuário. Castro (2008) descreve que o lugar (Santuário) foi descoberto por vaqueiros que perseguiram um boi, que havia desgarrado do rebanho. Os estudos do Padre Monsenhor Turíbio Vilanova Segura, relatados em *Resenha Histórica* (1937)⁵, mencionam que o município era habitado por índios da tribo Tupinambá. Ademais, afirma que Duarte Costa, donatário da Capitania Hereditária de Pernambuco, em uma viagem de exploração no Rio São Francisco, nos idos de 1543 a 1550, foi o primeiro europeu que avistou o morro que hoje se situa o Santuário. As terras pertencentes a Antônio Guedes de Brito, onde se criava gado, eram chamadas pelos indígenas que habitavam o lugar de Itaberaba ou “terra que brilha” numa alusão ao morro. Desta fazenda, surgiu o município de Bom Jesus da Lapa.

O lugar passou a atrair a atenção de aventureiros e devotos, pois o padre Francisco de Mendonça Mar (também conhecido como Padre Francisco da Soledade), em 1861, colocou uma imagem do Bom Jesus dentro da gruta além da devoção a Virgem Maria da Soledade. Neste período, o padre começou a viver como eremita (Micek, 2006; Torres, 2020). A partir da religiosidade do Padre Francisco Soledade criou-se um espaço de devoção e fé que coaduna com o pensamento de Eliade (1992, p. 37) que afirma:

visto que se instalar em qualquer parte, habitar um espaço, equivalente a reiterar a cosmogonia, e, portanto, a imitar a obra dos deuses, para o homem religioso toda decisão existencial de se “situar” no espaço constitui, de fato, uma decisão religiosa. Assumindo a responsabilidade de criar o mundo que decidiu habitar, não somente cosmiza o Caos, mas também santifica seu pequeno Cosmo, tornando-se semelhante ao mundo dos Deuses. A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante à “casa” dos deuses”, tal como foi representada mais tarde nos templos e santuários (Eliade, 1992, p. 37).

Houve também a construção de um hospital junto ao morro, para o cuidado de pessoas que se encontravam em miséria absoluta. Por volta de 1750, o lugar tornou-se um Arraial, com cerca de cinquenta casas feitas de barro e teto de palha. Nos idos de 1852, o engenheiro austríaco Halfeld, em passagem pelo lugar, o descreveu como um lugar com cento e vinte e oito casas e em média duzentos e cinquenta habitantes sedentários (Segura, 1937; IBGE, 1958; CODEVASF, 2011).

Em 1874, o que hoje é a cidade de Bom Jesus da Lapa, pertencia ao atual município de Paratinga (denominado àquela época de distrito Urubu). O lugar possuía cerca de quatrocentos e cinco casas com uma população estimada em mil e quatrocentos habitantes; possui também uma delegacia para manter a ordem pública. O local foi elevado à condição de vila em 1890 (Segura, 1937; IBGE, 1958; Oliveira, 2008). Barbosa (1995) afirma que muitos documentos sobre a história do município se perderam com o tempo.

A peregrinação ao morro ajudou a transformar o arraial em vila, em 1890 (Torres, 2020). Em 31 de agosto de 1923, através da Lei Estadual 1862, Bom Jesus da Lapa foi emancipado, desmembrando-se do município de Paratinga. Em 1923, o então governador José Joaquim Seabra (popularmente conhecido como J.J. Seabra) transformou o lugar em cidade; a emancipação político-administrativa ocorreu em 1953, no governo do senhor Régis Pacheco. O dia 31 de agosto é comemorado o aniversário de emancipação do município (Silva, 2017).

⁵ A obra foi reimpressa pela Prefeitura Municipal de Bom Jesus da Lapa em 2021, porém não possui registro catalográfico. Decidiu-se então utilizar como referência o ano da primeira edição da obra.

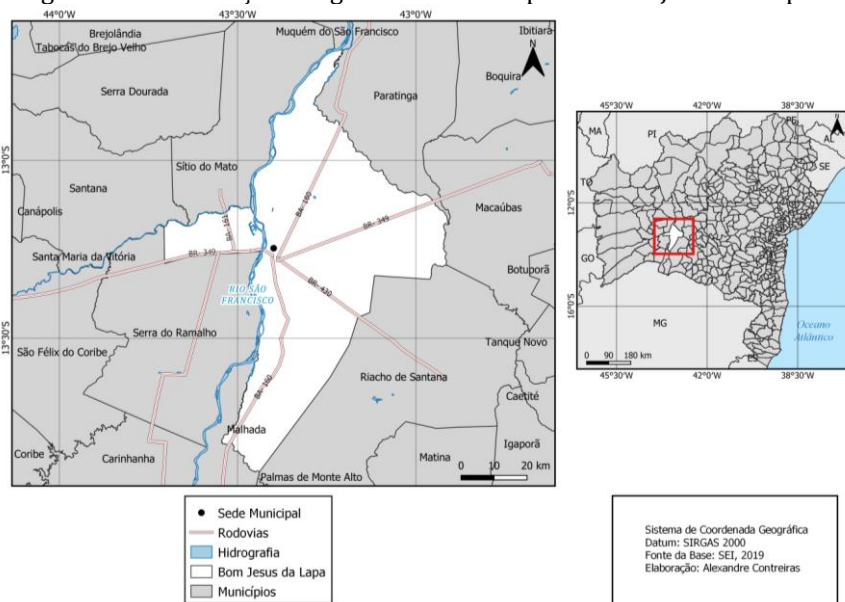
Figura 01: Bom Jesus da Lapa - anos quarenta. Frente da Casa Paroquial e a Capela de Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Silva Junior (2020).

A Enciclopédia de Municípios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE disserta que o município começou a existir no entorno do que hoje é o Santuário (IBGE, 1958). O atual município possui uma área de 4.148,5 km², distante cerca de 800 quilômetros da capital do estado, Salvador. Situa-se na região Centro-Oeste do estado da Bahia na zona denominada de Médio São Francisco⁶. O clima é considerado quente e seco, com temperaturas que variam entre 18 e 33 graus centígrados. O município faz parte do Território de Identidade Velho Chico com outros vinte e sete municípios baianos conforme a figura 02.

Figura 02 - Localização Geográfica do Município de Bom Jesus da Lapa



Fonte: Alexandre Contreiras (2021).

⁶ O Rio São Francisco (Velho Chico ou Rio da Integração Nacional) possui para fins de localização geográfica quatro trechos, a saber: Alto São Francisco, Médio São Francisco, Submédio São Francisco, Baixo São Francisco. A região denominada de Médio São Francisco Médio São Francisco: de Pirapora (MG) até Remanso (BA) com 402.531 quilômetros quadrados, ou 53% da área da Bacia, e 1.230 quilômetros de extensão. Fonte: <https://antigo.mdr.gov.br/a-mudanca-em-sua-vida/meio-ambiente-preservado/o-rio-e-seus-numeros>. Acesso em: 17 nov. 2021.



A população do município em 2017 era de 70.618 habitantes (IBGE, 2021). O Território de Identidade Velho Chico insere-se no denominado Polígono das Secas. A sede do município está a 483 metros acima do nível do mar. A vegetação predominante é a caatinga, com formações do solo pioneiras de influência fluvial arbustiva e floresta estacional decidual (IBGE, 2021). No relevo, destaca-se o pediplano sertanejo (processo erosivo, com escarpas instáveis, típico de climas áridos e semiáridos) (IBGE, 2021).

A região é formada por diversos rios, com destaque para o Rio São Francisco e seus afluentes, Rio Corrente, Rio das Rãs e o Rio Santana. Essa pluralidade de rios, que correm o sertão, ajudou no processo de povoamento da região, com a formação de vilas e povoados às margens desses rios (Steil, 1996). Torres (2020) descreve que há outros cursos de água, como por exemplo, os riachos da Pedra Branca e de Santa Rita; há também lagoas chamadas de Piranhas, da Lapa, dos Campos, da Batalha, da Moita e a Itaberaba. Destaca-se também algumas ilhas como a Cana Brava, a do Medo, a do Fogo e a da Mariquinha.

Na perspectiva de ordenar o desenvolvimento da cidade em 1998, foi concluído o Plano Diretor Urbano de Bom Jesus da Lapa. O principal objetivo do documento foi traçar diretrizes com vistas ao crescimento urbano através da adoção de medidas e diretrizes adequadas que possibilitem a correta gestão urbanística. Em relação a tais objetivos, destacam-se a preservação das características ambientais das margens fluviais e zonas úmidas, bem como a proteção dos elementos do meio físico que tenham valor de interesse geral, quais sejam: ecológicos, paisagísticos, ambientais dentre outros (Silva Júnior, 2020).

A aprovação do Plano Diretor Urbano em 2010 (vigente atualmente) contém diretrizes que norteiam o crescimento da cidade. Cumprem destacar alguns aspectos no documento no tocante às definições do perímetro urbano, à modelagem espacial do município, à indicação das áreas urbanas. Neles, poderão ser aplicados os instrumentos urbanísticos previstos na legislação federal, como também as diretrizes para o desenvolvimento municipal (Lei Complementar, 2010).

O documento supracitado aponta diversos eixos com vistas ao desenvolvimento do município. Ressalta-se a preocupação ambiental, principalmente de preservação do seu acervo hidrográfico como também aponta a integração do município e a sua integração com espaços regionais. Neste sentido há menção de criação da Hidrovia do São Francisco (Lei Complementar, 2010). O documento apresenta diversas ações para fortalecimento e preservação das áreas ambientais, como a sugestão de Implantação do Parque da Cidade e diversas estratégias para regularização fundiária, zoneamento de Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS). Vale ressaltar que o documento, em suas disposições finais, aponta o prazo de revisão do plano, com destaque a importância da participação da sociedade civil organizada para seus ajustes e adequações (LEI COMPLEMENTAR, 2010).

Na análise do Plano Diretor Urbano (PDU) percebe-se que a noção de desenvolvimento proposto para o município de Bom Jesus da Lapa foge aos preceitos de Furtado (1974). A base de pensamento de desenvolvimento (e, conseqüentemente, de sustentabilidade) ainda tem uma predominância de pensamento colonial. Furtado (1974) questionava o que poderia acontecer se o desenvolvimento econômico que as nações estavam propondo na década de 1970 efetivamente se concretizasse. O documento datado de 1974, intitulado: “Anteprojeto para a extinção da favela de Bom Jesus da Lapa” resultou no que foi apresentado nos estudos de Silva Junior (2020) em locais sem estrutura básica de moradia da população lapense (não há saneamento básico e o esgoto das residências vai direto para o rio sem nenhum tratamento).



Por mais que os Planos de Desenvolvimento Urbano (PDU) do município apresentem propostas que podem ser consideradas sustentáveis, o que se vê, na prática, é o descaso do poder público no que se refere à melhoria de vida da população do município. Krenak (2019) afirma que a sustentabilidade tão difundida na modernidade é também um mito. Sendo assim, tanto as ideias de Furtado (1963, 1969, 1974) como as de Krenak (2019) reforçam que o pensamento dos gestores públicos vão de encontro ao que se pode pensar de um pensamento decolonial. A resposta é simples: esgotamento dos recursos naturais do planeta. Eis o elo das ideias de Furtado (1974) e Krenak (2019): não se pode pensar em desenvolvimento sem se preocupar com a preservação dos recursos naturais do planeta.

Os PDUs propostos para Bom Jesus da Lapa enfatizam a necessidade de urbanizar áreas periféricas. O que se nota, na verdade, é um processo de gentrificação da cidade. Harvey (2014, p. 20) já discutia essa questão ao afirmar: “é simplesmente fácil demais para as forças da reação burguesa sitiar a cidade, cortar suas linhas de abastecimento e dominá-las pela fome”. Esse pensamento coaduna com o que se tem hoje na cidade de Bom Jesus da Lapa: uma cidade para poucos. Uma cidade para turista ver. “Somente quando se entender que os que constroem e mantêm a vida urbana têm uma exigência fundamental sobre o que eles produziram, e que uma delas é o direito inalienável de criar uma cidade mais em conformidade com seus verdadeiros desejos” (Harvey, 2014, p. 21).

Furtado (1974) comenta que enquanto não se pensar nas necessidades fundamentais da coletividade o pensamento de desenvolvimento econômico é mito. Esse pensamento pode ser percebido nos PDUs idealizados para a cidade de Bom Jesus da Lapa. Esse é o mesmo pensamento de Harvey (2014) e Krenak (2019). O atual documento que norteia o desenvolvimento urbano do município possui diretrizes para a sustentabilidade e a equidade social dos munícipes. Porém, o que se vê, na prática é outra realidade. Enquanto pensamento colonial perdurar nos gestores públicos o tão sonhado desenvolvimento social não acontecerá.

A Prefeitura Municipal de Bom Jesus da Lapa (2021) aponta que as principais atividades econômicas estão no setor agrícola, pesqueiro, comércio e pecuária além do turismo religioso. O Santuário, em termos econômicos para o município, é sua principal fonte de renda. Sendo assim, a romaria fez a cidade de Bom Jesus da Lapa ser considerada como uma das principais cidades religiosas do Brasil, bem como constitui a base da sua economia (Steil, 1996).

Apesar de ser banhada pelas águas do Rio São Francisco, Bom Jesus da Lapa desenvolveu-se em torno do Santuário (Castro, 2005). O Rio São Francisco percorre cerca de setenta quilômetros do município de Bom Jesus da Lapa (Silva Junior, 2020). Assim como todo em percurso, o Rio da Integração Nacional ou Velho Chico possui significativa importância para a população das cidades que ele percorre. Há, porém preocupação na época das cheias bem como nos períodos de estiagem. Tal fato ocorre por conta de, na época de cheias, haver inundações em lugares que não possuem infraestrutura adequada para atender à população. Outrossim, nas estiagens a navegabilidade torna-se arriscada e há muito encalhe de navegações (Barbosa, 1995).

Figura 03: Ponte Gercino Coelho sob o rio São Francisco em Bom Jesus da Lapa



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Silva (2017) aponta que a relação da cidade com o rio se intensificou com a morte do padre Francisco da Soledade, pois as pessoas que ali circundavam paravam na vila para descanso ou então para visita ao morro. Ademais, a cidade se desenvolveu atrelada ao lado do morro e não do rio. Um fato apontado por Silva Junior (2020) diz respeito à segregação socioespacial da cidade de Bom Jesus da Lapa, bem como a degradação do rio, com a invasão de áreas de preservação permanente e a inexistência de obras de infraestrutura nos bairros próximos ao Velho Chico, a saber, o Beira Rio. Não há planejamento de ocupação do espaço urbano nesse bairro e, em períodos de cheias a população se vê imersa em inundações.

Na perspectiva de se pensar em algo em prol do desenvolvimento do município, na década de 1950, o país discutia ações de desenvolvimento regional, principalmente, para o interior da nação. Neste cenário e na busca de evitar o êxodo rural, o governo de Juscelino Kubistchek (JK) começou um ambicioso projeto com tal objetivo. A seca era (e é) um problema que assolava a Região Nordeste do Brasil. Furtado (1967, p. 68) afirma que: “a política tradicional do governo tem consistido em reter essa população o mais possível próxima a seus locais de trabalho, abrindo um certo número de frentes de obras públicas”.

JK implantou em 1956, o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN) e convidou Celso Furtado para coordenar os trabalhos. Ele também era diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDE) que, em 1982, passou a ser denominado de Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Dentre as diversas ações do GTDN, em consonância com as ideias propagadas pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Do embrião do GTDN, surgiu o Perímetro Irrigado do Formoso, distante 30 (trinta) quilômetros de Bom Jesus da Lapa, gerenciadas pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF) que possui a sua 2ª Superintendência Regional (SR) em terras lapenses. Esta SR atende uma área de 222.930,4 quilômetros quadrados, instalados no Território do Médio São Francisco, responsável pelo acompanhamento de nove perímetros instalados na região supracitada. No perímetro, dentro do território de Bom Jesus da Lapa, destaca-se o plantio de bananas. (Coelho Neto, 2004)

Santos (2015) afirma que, no território do município de Bom Jesus da Lapa, instalou-se o Projeto Formoso A (com quase 9.000 hectares irrigados) e o Projeto Formoso H (com mais de 4.000 hectares irrigados) (CAR-BA, 1997). Coelho Neto (2004)



afirma que a área era maior, porém, partes das terras que seriam destinadas ao projeto foram realocadas para abrigar as pessoas desalojadas quando da construção da Barragem de Sobradinho, no norte da Bahia. A área foi desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) que implantou o Projeto Especial Colonização Serra do Ramalho, a cidade do futuro⁷.

No projeto estão situadas 04 (quatro) agrovilas que dão suporte para o setor de serviços e comércio do Projeto. A área também serve de residência para os donos dos lotes e também dos trabalhadores que prestam algum tipo de serviço. No centro do Projeto, situa-se também o Distrito de Irrigação do Formoso (DIF). Rocha (2016, p. 90) afirma que: “o DIF é uma entidade associativa, sem fins lucrativos que administra e é responsável pela operação e manutenção das estruturas comuns e coletivas do perímetro irrigado”.

O projeto situa-se às margens do Rio Corrente (afluente do Rio São Francisco). Além da produção de banana (que predomina o projeto) há cultivo de laranja, melancia, mamão e outras frutas. O município de Bom Jesus da Lapa, associado à religiosidade, possui a alcunha de “Capital da Fé e da Fruta: quem chega a estas paisagens jamais a esquece” (Santos, 2019). A geração de empregos, advindas com o projeto, segundo dados da CODEVASF (2021) é de que foram 6 mil empregos diretos e 10,3 mil empregos indiretos. O valor bruto da produção agrícola em 2016 foi de R\$ 285 milhões e a produtividade em R\$ 179 milhões de reais. As exportações devem ser ampliadas ao Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

É inegável que a implantação do Projeto Formoso incrementou a economia de Bom Jesus da Lapa. Nos estudos de Rocha (2016), o pesquisador aponta que não houve melhoria da qualidade de vida para a população do município como um todo. A concentração de renda ainda é imperante e parte significativa da população depende dos programas de transferência de renda do Governo Federal (como o Bolsa Família⁸) para sua sobrevivência. Sendo assim, o desenvolvimento econômico percebido pelos produtores é um simples mito, como assevera Furtado (1974).

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com métodos de pensamento reflexivo, que solicita um tratamento científico e constitui o caminho para conhecer a realidade, ou para descobrir verdades parciais, além de encontrar respostas para indagações propostas, utilizando métodos científicos. Toda e qualquer pesquisa científica implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam métodos e pesquisas empregadas (Marconi; Lakatos, 2014).

A natureza do estudo foi na perspectiva qualitativa com inspiração etnográfica na antropologia interpretativa de Geertz (1989), que se propõe a observar os modos como grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o fito de desvelar o significado

⁷ A cidade foi retratada no filme intitulado “Cidade do Futuro”. O termo foi cunhado pelos militares na década de 1970, pois o município foi criado para abrigar pessoas deslocadas dos seus lares, por conta da construção da represa de Sobradinho. Ao misturar ficção com realidade, o filme retrata o cotidiano da população. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/04/cultura/623777-a-cidade-do-futuro-disseca-o-drama-na-serra-do-ramalho.html. Acesso em 21 de novembro de 2021.

⁸ O Programa Bolsa Família. Foi substituído pelo Auxílio Brasil que é um braço social do Governo Federal e integra em um só programa várias políticas públicas de assistência social, saúde, educação, emprego e renda. Fonte: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/auxilio-brasil>. Acesso em: 24 nov. 2021.



cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar e encontrar o significado da ação (Mattos, 2011) Ademais, Malighetti (2018) afirma que:

a etnografia representa um acordo temporário sobre o significado entre o antropólogo e os seus interlocutores, numa relação contingente e transitória que inevitavelmente produz uma compreensão parcial e essencialmente contestável (Maliguetti, 2018, p. 34).

Ademais, utilizou a pesquisa documental com a consulta a documentos pertinentes à história da cidade de Bom Jesus da Lapa e do Santuário. Sá-Silva e outros (2009, p. 2) afirmam que “o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado”. Esses documentos foram encontrados na Biblioteca Pública Municipal Leonor Magalhães César e também nos arquivos do Santuário do Bom Jesus da Lapa e bem como teses, dissertações e artigos que, de certa forma, discutem temáticas relacionadas à cidade de Bom Jesus da Lapa.

Cumprir destacar que também foi empregada a metodologia dos trabalhos produzidos no âmbito do Grupo de Pesquisa LOGOS - Comunicação Estratégica, Marca e Cultura, que se respalda numa análise textual das manifestações da marca lugar seguindo os preceitos teóricos de Semprini (2010) e seu modelo de projeto/manifestação da marca através de três aspectos-chave: a dimensão textual (examinando a comunicação estratégica produzida pelos canais oficiais tanto da Prefeitura Municipal de Bom Jesus da Lapa bem como do Santuário), a dimensão discursiva (reconhecendo o posicionamento empregado) e a dimensão dos valores (analisando as práticas sociais e discursivas). Para tanto, analisou-se a fala dos gestores (gestor municipal e gestor do Santuário), peças e campanhas de comunicação estratégica produzidas pela Prefeitura e pelo Santuário, além de uma análise contextual através de documentos oficiais cedidos pela Prefeitura Municipal de Bom Jesus da Lapa a saber: plano municipal de turismo, cultura, de desenvolvimento urbano.

O SANTUÁRIO DO BOM JESUS DA LAPA

Situado às margens do Rio São Francisco, o santuário do Bom Jesus da Lapa é o principal cartão postal do município. Segura (1937) afirma que o Santuário foi descoberto em 1691. A Enciclopédia dos Municípios (1958) aponta que Duarte Coelho (capitão donatário de Pernambuco) avistou o Morro da Lapa quando fez viagem de exploração do sertão da Bahia.

Os componentes da primeira bandeira, organizada em 1553 pelo 1^a governador-geral, Tomé de Sousa, chefiada pelo espanhol Francisco Bruzza Espinosa, da qual também fazia parte o jesuíta Aspilcueta Navarro, chegaram até a conhecer a gruta. E Belchior Dias Moreira, o "Muribeca" deixou sinais de sua passagem nas inscrições que fez no teto da saleta da "Água do Milagre", desaparecidas no incêndio de 1903, e nas que se conservam ainda hoje, no lado do céu, e que teriam sido escritas no ano de 1602 (IBGE, 1958, v. 20. p. 77).

Apesar da afirmação que foi Duarte Coelho que primeiro avistou o morro que hoje fica o Santuário, a maioria dos estudos afirmam que foi descoberto por Francisco Mendonça Mar. O morro não é apenas um lugar no sertão margeado pelo Rio São Francisco e, sim, para os devotos, um local sagrado. Miranda (1999, p. 279) descreve que: “de longe se avista o paredão rochoso [...] mais do que um mero acidente geográfico, ou um simples morro onde o tempo esculpiu uma série de grutas, o fiel

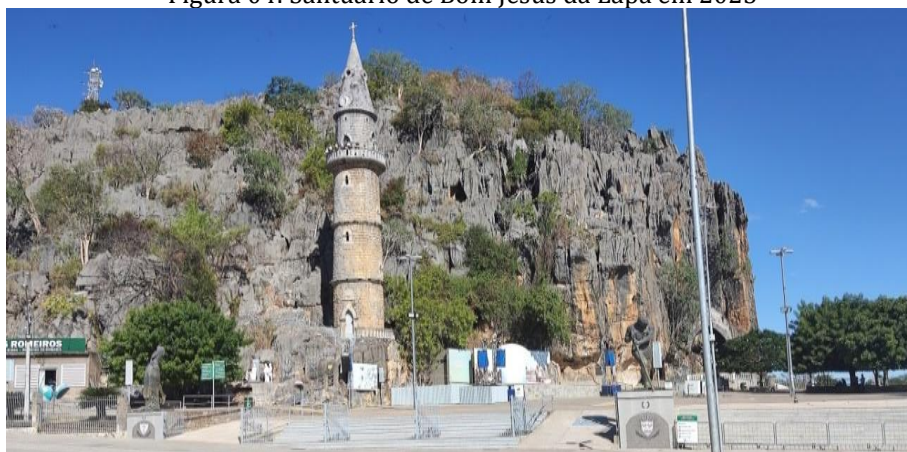
católico normalmente o vê como uma arquitetura divina”. Kocik (1988, p.62) faz a seguinte descrição do Santuário:

Margeando o rio São Francisco, bem no sertão baiano; aí é que se localiza o Santuário do Bom Jesus da Lapa. Vê-se imponente, um maciço de calcário, de noventa metros de altura, recortado de galerias e grutas. De cor negra, o penhasco carrega em si a vegetação comum da região castigada pela seca. O morro parece um retalho de montanha calcária, isolado no meio de uma planície, com a base quase dentre da água e a margem coroada de cactos, bromélias de espinhos e minaretes de formas diversas. Nele se encontram várias grutas: a do Bom Jesus da Lapa [...] a da Soledade [...] e, além disso, para admiração dos romeiros e visitantes, existem outras lindas grutas menores.

O Santuário de Bom Jesus da Lapa é um lugar sagrado, dotado de significado especial para seus visitantes. Sobre essa questão, Andrade (2013, p. 18) afirma que:

para o homem religioso, os lugares e os tempos não são iguais e igualmente significativos. Alguns desses lugares foram dotados de especial importância porque neles se revelou a presença ou a ação de Deus, ou também, porque têm a capacidade de despertar sentimentos religiosos ou dar a experiências desse tipo.

Figura 04: Santuário de Bom Jesus da Lapa em 2023



Fonte: Acervo pessoal (2023).

“A cidade de Bom Jesus da Lapa começou sua existência à sombra do Santuário do Bom Jesus” (Oliveira, 2014, p. 33). Segura (1937) relata que a gruta foi descoberta em 1691. Com a chegada do Monge Francisco Mendonça Mar (popularmente conhecido como Francisco da Soledade) ao lugar, nos idos de 1750, havia entre o morro e o rio São Francisco apenas algumas palhoças de índios Tapuias. O padre começou devoção ao Bom Jesus e, junto ao Santuário, construiu um hospital e um asilo para os pobres e doentes, dos quais cuidava. Assim começou a crescer, ao lado da lapa do Bom Jesus, um povoado, que assumiu o nome de Bom Jesus da Lapa (Segura, 1937; Micek, 2006).

Francisco Mendonça Mar se instala em Salvador, capital do império, em 1679, e investiu em seu negócio próprio: uma oficina de ourivesaria, ofício aprendido em Portugal, sua terra natal. Em 1688, Matias da Cunha, governador da Bahia à época, o contratou para decorar o Palácio da Aclamação, que era residência oficial do governo. Destaca-se que Francisco possui habilidades de pintor, daí sua contratação para o serviço (Segura, 1937; Micek, 2006).



Findadas as atividades no Palácio da Aclamação, Francisco se dirigiu até o governador para o pagamento de seus serviços. O pintor investiu recursos próprios para finalizar o trabalho. Porém, ao invés do pagamento, recebeu açoite e foi preso juntamente com as pessoas escravizadas, que trabalhavam com ele. Como não recebeu seus honorários, decidiu escrever uma carta e enviá-la para Dom João VI, Rei de Portugal à época, relatando sua situação. Assim, conseguiu sua liberdade. Após sua saída da prisão, abdicou dos bens que possuía, libertou seus escravos e comprou duas imagens: uma do Senhor Bom Jesus e outra da Virgem Santa - Nossa Senhora da Soledade (Micek, 2006).

De posse dessas duas imagens e vestindo-se de um grosso burel⁹ ele decide enveredar-se pelo interior da Bahia, em busca de um local solitário com o objetivo de dedicar a sua vida a Deus. Ele caminhou cerca de 200 léguas (aproximadamente 1.200 quilômetros) durante vários meses até avistar um morro, às margens do rio São Francisco, habitado por índios Tapuias (Miranda, 1999; Micek, 2006). “[...] no esplendor crepuscular de uma tarde, depois de vários meses de incessante caminhada, vencidos todos os perigos avistou o morro [...]” (Segura, 1937, p. 54). Quando ele entrou a gruta encravada no morro, viu uma fenda proporcional à cruz que carregava e resolveu ficar ali. Naquele local, decidiu fazer sua residência: um local de oração (Miranda, 1999; Micek, 2006).

Segura (1937, p. 36) aponta que há lendas sobre a descoberta do Morro.

Que o ermitão vivia na gruta no meio de onças e o aparecimento da imagem foi devido a um vaqueiro que correndo atrás de uma réz, entrou pela gruta e ele acompanhando-a, Lá encontrou a imagem e deu publicidade ao achado [...] Para uns o Bom Jesus apareceu ao pé do morro no lugar que depois foi cemitério [...] um velho dizia que quando sua mãe era menina, ouviu contar ao avô dela que uma criança pequena veio passear pelo morro e, entrando na gruta, viu um crucifixo com a imagem de Jesus Cristo [...] para outros foi um jesuíta, que perseguido vinha fugindo das missões do interior, trazendo a imagem do Bom Jesus [...] para outros uns caçadores, os quais, procurando onças dentro da gruta, encontraram dois frades, um morto e outro agonizante, mas com forças ainda para mostra-lhes o Bom Jesus, e recomendar-lhes que que fizessem da gruta uma igreja.

Torres (2020) descreve que há outras histórias acerca de quem primeiro avistou o morro. Uma dessas, conta que foi Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco, em viagem expedicionária pelo Rio São Francisco entre os anos de 1543 e 1550, quando realizava explorações no sertão baiano. Porém, a história oficial aponta que foi o português Francisco Mendonça Mar (ou Francisco da Soledade) que primeiro avistou o morro (Segura, 1937; Steil, 1996; Miranda, 1999; Micek, 2006; Oliveira, 2011; Silva, 2017; Torres, 2020). Francisco da Soledade começava, então, a vida de eremita, com devoção a Jesus e Maria da Soledade. Sobrevivia da pesca e de pequenos cultivos (Micek, 2006). Paralelo a este acontecimento (no final do século XVII), deu-se as descobertas as primeiras minas de pedras preciosas na região do hoje estado de Minas Gerais, época historicamente conhecida como Ciclo do Ouro. O rio São Francisco era o caminho mais viável para adentrar o interior do Brasil (Castro, 2008; Oliveira, 2011).

⁹ Tecido grosseiro de lã usado para confecção de roupas. Hábito religioso feito com esse tecido, geralmente usados por freiras ou frades. Fonte: <https://www.dicio.com.br/burel/> Acesso em 15 de novembro de 2021.



Com o aumento do fluxo de pessoas, na corrida pelo ouro, várias pessoas paravam para descansar no entorno do Morro. Como havia as imagens do Bom Jesus e da Maria Soledade, colocadas por Mendonça Mar, essas pessoas aproveitam para rezar, agradecer, pedir proteção, fazer e pagar promessas (Micek, 2006). Francisco ficou conhecido como o Monge da Gruta e, aos poucos, evangelizava índios e escravos de quilombos próximos ao Morro. Além disso, dava abrigo e comida aos viajantes, transformando o local num ponto de acolhimento para doentes, pobres e idosos (Micek, 2006).

Dom Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da Bahia, tomou conhecimento do pregador do Evangelho de Jesus, na região de sesmaria do Conde da Ponte - Antônio Guedes de Brito. O então arcebispo enviou, em 1702, um Visitador Geral até a região com o objetivo de averiguar sobre a existência do homem que habitava uma gruta e fazia milagres (Segura, 1937; Micek, 2006). O Visitador constatou tal fato além de relatar que havia também uma pequena romaria ao lugar. Sendo assim, Dom Sebastião decidiu elevar a gruta à condição de capela, intitulada Igreja de Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora da Soledade (Segura, 1937; Micek, 2006).

Em 1706, a pedido de Dom Sebastião, Francisco Mendonça Mar viajou até Salvador com o objetivo de preparar-se para o sacerdócio. Em 1709, foi ordenado padre e passou a ser chamado de Padre Francisco da Soledade: nome dado em homenagem à santa de sua devoção - Nossa Senhora da Soledade. A capela passou a receber cada vez mais pessoas em busca de acolhimento e cura de enfermidades (Segura, 1937; Micek, 2006).

Em 1717, o Padre Francisco da Soledade escreve ao rei de Portugal solicitando a doação das terras em que se situa o santuário para a construção de hospital:

Portanto, pede a Vossa Majestade muito por serviço de Deus, Nosso Senhor, seja servido mandar dar à Lapa do Bom Jesus a mesma porção de terra que Vossa Majestade foi servido mandar dar aos vigários dos sertões, ficando a dita igreja da Lapa no meio da mesma terra, correndo esta pela margem do São Francisco, para que assim possa o suplicante remediar as necessidades dos passageiros e romeiros e mais pobres e enfermos [...] (Segura, 1937, p. 119).

Francisco da Soledade faleceu por volta de 1722, aos 65 anos, aproximadamente. Aos poucos, os devotos decidiram construir moradias nas proximidades do Morro Integrado aos índios que habitavam o local, ergueu-se o arraial Bom Jesus da Lapa (Segura, 1937; Micek, 2006). Oliveira (2008) aponta que entre os idos de 1670 e 1745 não há muitos relatos sobre a história do arraial.

Em 1750, havia um arraial de cerca de 50 casas de barro cobertos de palha. Cem anos depois, em 1852, um grupo de geólogos austríacos, em relatório que escreveu sobre a região de Bom Jesus da Lapa e de São Francisco, conta que o arraial da Lapa tinha 128 casas com duzentos e cinquenta sedentários. Dezoito anos depois, a Lapa era considerada distrito de paz e possuía delegacia e cerca de 405 casas habitadas por 1.400 pessoas (Oliveira, 2008, p. 3-4).

O crescimento do povoado está ligado às constantes peregrinações ao lugar (Segura, 1937; Santos, 2019). O Decreto Estadual de 18 de setembro de 1890, assinado pelo governador Virgílio Clímaco, elevou o arraial à categoria de vila (Oliveira, 2008). Em 1894, a Capelania da Lapa do Bom Jesus foi elevada à categoria de Curato. Em 1902, os padres Agostinianos chegam à Lapa e iniciam os trabalhos no Santuário e na pastoral por quinze anos (Santos, 2019).



No final do século XIX, Bom Jesus da Lapa foi elevado à categoria de município, desmembrando-se de Urubu - atual município de Paratinga. A condição de cidade aconteceu em 31 de agosto de 1923, através da Lei Estadual nº 1.682. Em 1931, através do Decreto nº 7.455 o município passou a ser chamado de Lapa, com os distritos sede e Sítio do Mato. Em 1935, pelo Decreto nº 9.571, o município voltou a se chamar Bom Jesus da Lapa (Oliveira, 2008). No final da década de 1980 o distrito de Sítio do Mato é emancipado através da Lei Estadual nº 4.834 (Santos, 2019).

Nos escritos de Segura (1937) há indícios de que o fluxo de pessoas que se deslocam até Bom Jesus da Lapa para devoção seria importante para o crescimento da cidade. “No horizonte futuro pode prever-se um esplêndido por vir para esta cidade, que continuará aumentando, devido ao elevado número de romeiros que, atraídos pela pedra íman da devoção ao Bom Jesus, aqui fixam sua residência” (Segura, 1937, p. 25).

A GRUTA POR FORA: O MORRO E A TORRE

“De longe se avista o paredão rochoso. Fica do outro lado o Rio São Francisco [...] mais do que um mero acidente geográfico ou um simples morro, onde o tempo esculpiu uma série de grutas, o fiel católico o vê como uma arquitetura divina.” (Miranda, 1999, p. 279). Steil (1996) descreve que, no coração de uma imensa pedra, às margens do Rio São Francisco, em meio a um vasto platô, está o Santuário do Bom Jesus da Lapa. “O Morro inteiro é um maciço calcário com uma estrutura tão esquisita, tão extraordinária, que difícil é determinar-lhe a orientação das camadas e estudar-lhes as disposições” (Segura, 1937, p. 27). Alves (2014) também faz uma descrição do Morro da Lapa: mais de 15 grutas, localiza-se no perímetro urbano da cidade de Bom Jesus da Lapa, na margem direita do rio São Francisco, possuindo 93 (noventa e três) metros de altura, 400 (quatrocentos) metros de largura e, aproximadamente, 1.000 (um mil) metros de extensão.

Para além da descrição física, Segura (1937) apresenta o seguinte relato:

A Gruta da Lapa é mais do que uma cavidade de pedras: é um santuário construído pela mão da natureza, escolhido por um monge a mais de dois séculos, para ser lugar de suas rigorosas penitências e explanações. A gruta da Lapa é o santuário tradicional, onde a misericórdia de Deus se há manifestado, produzindo inúmeros prodígios em favor da triste e padecente humanidade; é um templo santificado pelas orações do povo cristão, pela celebração do Augusto sacrifício da missa e mais cerimônias da igreja; é um santuário, enfim, onde os fiéis destes e outros estados do Brasil, atraídos por fatos extraordinários, vão com religioso respeito cumprir suas promessas e implorar novas graças e bênçãos! [...] Palácio erguido pela natureza há milhões de anos para o culto católico, concha que encerra a pérola da milagrosa imagem do Bom Jesus da Lapa, ave fênix, renascida das cinzas no incêndio”. (Segura, 1937, p. 101-127)

Steil (1996) apresenta outras descrições sobre o Santuário. Um deles, datado de 1728, intitulado O Peregrino da América, fala que o santuário foi “[...] feito e fabricado pela natureza por permissão divina [...]” (Steil, 1996, p. 31). O Santuário Mariano também faz uma descrição: “[...] dentro dessa grande penha, descobriu o Ermitão Francisco da Soledade um formoso e dilato templo [...]” (Steil, 1996, p. 31). Em 1730, o historiador Rocha Pita também faz descrição: “[...] é fabricada esta prodigiosa lapa de natural estrutura em formas de um perfeito templo com capela-mor e colaterais [...]” (Steil, 1996, p. 30 -31). Nos escritos de Miranda (1999) há outras explicações sobre o



Santuário como por exemplo, semelhante a um “leão agachado”; ou a um “imenso pagode indiano em ruínas; também considera ser “uma procissão de monges com seus longos buréis, de capuzes enormes, marchando lentamente, em torno da imagem “sagrada”; ou então como uma mesa de um altar no retábulo de um firmamento.

No poema “O Caramuru”, de José de Santa Rita Durão, datado de 1781, há versos sobre o Santuário. Já no século XIX, o explorador Richard Burton, faz um relato sobre as formas do morro e que nada o impressionou. Teodoro Sampaio, famoso engenheiro baiano, fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em visita no ano de 1877, fez também descrição do morro, atribuindo-lhe seu surgimento não as questões religiosas e sim da força da natureza (Steil, 1996).

Visitado a mais de 300 anos, o Morro é considerado um santuário (Oliveira, 2008). Sobre tal termo,

A palavra santuário vem do latim *Santum Santorum*, que quer dizer santos dos santos. Santuário é o templo, ou o edifício consagrado às cerimônias de uma religião, lugar santo em geral. Em sentido restrito ele significa a parte da igreja onde se celebram as missas. Santuário é o lugar recôndito ou vedado ao público, destinado a guardar ou conservar objetos dignos de veneração” (Oliveira, 2008, p. 8).

Rosendahl (1996, p. 82) afirma que o termo santuário pode ser entendido como: “aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população regional, nacional ou de vários países. Estes lugares sagrados, por sua vez, estão focalizados, via de regra, em templos associados a uma hierofania”. O termo hierofania foi cunhado por Mircea Eliade e serve para designar a manifestação do sagrado em objetos ou pessoas (Rosendahl, 1996, 2009). “O santuário é definido como um ponto privilegiado de evangelização e libertação” (Steil, 2003, p. 259).

Durante as Romarias é comum as pessoas subirem o Morro da Lapa. Em que há vista privilegiada do rio São Francisco. No alto do Morro, há um Cruzeiro¹⁰, local que reproduz a última estação da Via Sacra. No local, verifica-se a existência de fitas amarradas pelos visitantes num sinal de referência a alguma graça alcançada. Há também a Pedra do Sino: acredita-se que, ao tocar o sino, se a pedra “tinir”, o visitante (romeiro) retornará no ano seguinte. Porém, se a pedra não “tinir”, provoca na pessoa a sensação de que ela estará naquele local pela última vez (Santos, 2019).

“Mais de 20 barracas em frente da escadaria do santuário vendendo suas bugigangas” (Segura, 1937, p. 126). Esse é considerado o primeiro registro da área do entorno do Santuário. Sobre o entorno do Morro, Segura (1937) faz relato do que se pode dizer a primeira modificação no espaço geográfico que circunda o Santuário.

O cemitério, fechado com muro, estava situado em lugar impróprio, junto ao Morro, onde existiam algumas carneiras que foram demolidas agora para fazer a avenida do Morro, feliz empreendimento do atual Prefeito interino, Sr. Servulo Santos, que tão fecunda atividade está desenvolvendo para melhorar a Cidade (Segura, 1937, p. 25).

Pelos relatos de Segura (1937), pode-se constatar que, na história do Santuário, o processo de gentrificação já existia. Acerca do termo, Mourad (2011) fez uma

¹⁰ Miranda (1999) afirma que tais espaços são de extrema relevância para o católico devoto tradicional, pois se trata de autêntico desaguador de manifestação da piedade popular.



compilação sobre o conceito e apresenta que o fito da gentrificação é a compreensão do conjunto de processos de transformação do espaço em áreas urbanas centrais.

Em 2020, a Prefeitura Municipal de Bom Jesus da Lapa divulgou em suas redes sociais o Projeto “Nova Lapa”¹¹, destacando o que se considera como melhoria no entorno do Santuário. Em um dos vídeos, o reitor do Santuário, Padre João Batista Alves do Nascimento¹², que fala: “esse espaço está sendo readequado para dar mais acesso ao pedestre que frequenta o lugar”.

No final de 2020, a TV Bom Jesus¹³ fez reportagem divulgando a inauguração das reformas no entorno do Santuário. A Praça do Largo da Esplanada foi inaugurada e contou com a presença da população lapense e políticos, a exemplo do prefeito municipal e do governador do estado, Rui Costa. Na reportagem, destaque para a fala do gestor municipal à época, Eures Ribeiro, que comenta as obras e faz menção à parceria do governo do estado para a conclusão das obras.

Cumprir destacar, que Dom João Santos Cardoso¹⁴, bispo diocesano de Bom Jesus da Lapa, solicita do governo parceria para ajudar na obra intitulada: Caminho da Fé. O projeto consiste em requalificar todo o entorno do morro, construindo uma passarela para que visitantes contemplem o lugar. As obras da Praça da Fé e a Praça Turíblio Vila Nova estavam sendo finalizadas.

Nessa última requalificação do entorno do Morro, em 2020, é visível que o espaço ficou mais amplo para a circulação de pessoas, porém, algo é para ser questionado. Em um município em que as temperaturas são elevadas não há nenhuma árvore que possa amenizar o sol escaldante. Ora, se há preocupação com o bem-estar do visitante (leia-seromeiros e turistas) qual o motivo desse projeto não ter levado em consideração o plantio de árvores nativas? Essa estética do belo, em que há predominância de construções sem que haja preocupação com questões socioambientais também é um processo de gentrificação. É importante que tanto a Reitoria do Santuário quanto a Prefeitura Municipal revejam o projeto na perspectiva de atender a essa e outras demandas que possam surgir para que se tenha um espaço que atenda às necessidades das pessoas.

Segura (1937) continua sua descrição sobre o Morro: ele mede 1.821 (hum mil oitocentos e vinte e um) metros de circunferência, 400 (quatrocentos) metros de largura e 90 (noventa) metros de altura até a base do Cruzeiro. Essa descrição também é feita por Silva (2017) e Torres (2020). O Alto do Morro é considerado como Área de Proteção Permanente (APP). A Lei Municipal nº 331, de 29 de maio de 2009, estabeleceu restrições e parâmetros para a construção de edificações em áreas relativas ao Centro Histórico de Bom Jesus da Lapa, o Patrimônio Cultural do Município (Torres, 2020).

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KaW8KLU15dk>. Acesso em 21 de novembro de 2021

¹² Padre João Batista Alves do Nascimento é reitor do Santuário desde fevereiro de 2019. Fonte: <https://www.redentoristas.com.br/noticias/146-novo-reitor-do-santuario-do-bom-jesus>. Acesso em 21 de novembro de 2021.

¹³ Canal oficial de notícias do Santuário. Fonte: <https://www.tvbomjesus.com/>. Acesso em 21 de nov. de 2021. O vídeo descrito neste trabalho está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_wTIAjJcQe0. Acesso em 21 de novembro 2021.

¹⁴ Dom João Santos Cardoso (Dário Meira, 3 de dezembro de 1961) é um bispo católico brasileiro. Aos 14 de dezembro de 2011 foi nomeado pelo Papa Bento XVI como bispo da Diocese de São Raimundo Nonato. Em 24 de junho de 2015, o Papa Francisco o nomeou como Bispo Diocesano de Bom Jesus da Lapa (BA). Fonte: <https://diocesedebomjesusdalapa.com.br/diocesebjl/index.php/diocese/bispo/dom-joao-santos>. Acesso em 21 de novembro de 2021.

Apesar de ser considerada uma APP, a região é sempre degradada ou vítima do descaso de seus visitantes no tocante à sua preservação. Torres (2020) descreve que é comum, na subida do morro, encontrar garrafas de água mineral vazias, copos plásticos, embalagem plásticas de produtos alimentícios.

Figura 05: Morro da Lapa



Fonte: Acervo pessoal (2023).

A formação rochosa também possui uma explicação mítica: “[...] visto de cima, há quem diga que o morro tem forma de pé ou pegada, atribuída a Deus e ao Senhor Bom Jesus [...]” (Silva, 2019, p. 33). Para além das descrições físicas ou míticas, o Santuário do Bom Jesus da Lapa é um espaço de fé e devoção. Uma hierofonia que designa o que é sagrado (Rosendahl, 1996; 2009).

A GRUTA POR DENTRO: A GRUTA DO BOM JESUS, A GRUTA DA SOLEDADE E A GRUTA DOS EX-VOTOS

À vista se apresenta um vasto salão em cujo fundo brilha o altar dourado do Bom Jesus da Lapa” (Segura, 1937, p. 90). O Santuário (gruta) ao Bom Jesus da Lapa é composto de diversas grutas. A principal delas, a gruta do Bom Jesus da Lapa possui 50 (cinquenta) metros de comprimento, 15 (quinze) metros de largura e 7 (sete) metros de altura e diversas imagens de santos e santas católicos além, é claro, da imagem do Bom Jesus. A imagem do Bom Jesus não é a original colocada pelo Padre Francisco da Soledade (a original foi destruída em um incêndio, ocorrido em 1903) (Kocik, 1988).

Outras grutas compõem o Morro, a saber: Gruta da Ressureição, Gruta de Belém, Gruta de Maria Madalena, Gruta de Santa Luzia, Gruta de Santo Afonso, Gruta dos Santos Mártires, Gruta de Nossa Senhora Aparecida, Gruta dos Milagres, Gruta Santa Helena, Gruta São Francisco de Assis, Gruta São Geraldo, Gruta de São Cristóvão e Gruta do Santíssimo Sacramento (Alves, 2014). Porém, a principal é a do Bom Jesus (Steil, 1996).

A esplanada permite, portanto, as grandes manifestações de fé, particularmente nos dias de festa. Os romeiros que fazem os seus cultos em pequenos grupos congregam-se como uma multidão na esplanada. [...] A esplanada também representa um espaço de transição entre o santuário e a cidade, definindo as fronteiras entre aquilo que o clero considera como o domínio do religioso e o que define como o não-religioso ou profano. Separa o santuário da vida que

pulsa nas ruas e praças, nestes dias em que o comércio, os divertimentos e a festa tomam conta da cidade (Steil, 1996, p. 53).

Os primeiros relatos sobre a Gruta do Bom Jesus a descrevem como algo no esplendor na natureza e originada da providência divina. Em seu interior, está a imagem do Cristo Crucificado - Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa (Steil, 1996). A primeira imagem (colocada pelo Francisco da Soledade) foi descrita por Segura (1937) como linda: foi esculpida em uma madeira pesada (jatobá apo que parece) com olhos de vidro e dentes de marfim. Essa imagem foi destruída pelo incêndio em 1903 (Segura, 1937; Kocik, 1988; Steil, 1996). A imagem é objeto da devoção dos fiéis que fazem filas para adorá-la e admirá-la, rezar e pagar promessas (Steil, 1996).

Figura 06: Gruta-Capela



Fonte: Acervo pessoal (2023).

A venerada Imagem de Cristo Crucificado, sob o título de Bom Jesus, fica exposta dentro da gruta atraindo a todos que passam por perto (Santuário, 2021). Por conta do incêndio de 1903 e de intervenções para o acesso deromeiros, a gruta tornou-se maior e mais arejada (Kocik, 1988). Sobre o incêndio, Segura (1937) descreve que o sinistro foi relatado à Arquidiocese de Salvador. O incêndio aconteceu na noite de 1º de maio de 1903 e não se sabe a causa de ter acontecido. Por conta do incêndio, a imagem original do Senhor Bom Jesus, trazida por Francisco da Soledade foi destruída. Tal fato, porém não prejudicou os festejos naquele ano visto que nova imagem chegou ao Santuário. (Segura, 1937). “A nova imagem deverá seguir no 1º dia do próximo mês de julho para ser colocada na gruta [...] e muito desejamos que este ano a romaria dos fiéis seja mais numerosa” (Segura, 1937, p. 105).

O incêndio não prejudicou as atividades do Santuário. Pelo contrário, conforme afirma Segura (1937), depois do ocorrido a “[...] gruta ficou clara. O teto ou abóboda era baixa; depois alteou-se. O altar-mor estava onde agora começa o presbítero; depois alongou-se mais cinco metros” (Segura, 1937, p. 106). Há relatos de que, na noite do incêndio, um morador da cidade da Bahia (Salvador), ao adentrar em sua casa, percebeu que um quadro com a imagem do Bom Jesus da Lapa estava queimando. Fato curioso foi que, ao apagar as chamas, apenas a moldura se perdeu. Ao contar sobre tal fato, o morador, dias depois ficou sabendo do incêndio no Santuário. Tal fato é relatado por Segura (1937) em sua Resenha Histórica.

As covas do Monge e da Onça e a da Serpente também estão localizadas na Gruta do Bom Jesus (Steil, 1996). As covas do Monge e da Onça (personagens que, segundo a

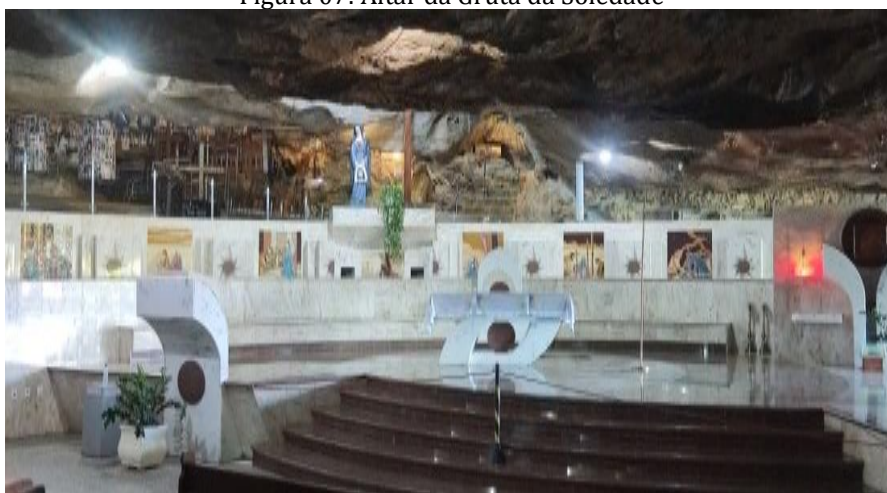
tradição foram os primeiros moradores da gruta) fazem parte da tradição oral em relação ao santuário (Steil, 1996). “Esta gruta, anteriormente habitação de onças, como lugar apropriado para elas ocultaram-se, foi convertida por Francisco em eremitério, lugar de oração e santificação” (Segura, 1937, p. 57). Além disso, está o túmulo do Padre Francisco da Soledade (Torres, 2020).

Segura (1937) descreve que na parede exterior da Cova do Monge brota água que é considerada milagrosa pelos romeiros. “Brota debaixo para cima, em uma abertura natural pouco funda, no centro de uma grossa estalagmite formada de diversas capas calcáreas superpostas [...]” (Segura, 1937, p; 93). Outro apontamento de Segura (1937) sobre a Cova do Monge que, pelo fato de ali estar sepultado Francisco da Soledade, o lugar mantinha um martelo e uma cunha para que os romeiros retirassem terra que consideravam milagrosas.

A cova da serpente está situada na porta de entrada da gruta (Steil, 1996) A história da serpente permeia o imaginário popular da população lapense e dos visitantes ao Santuário. Reza a lenda que dentro da gruta vivia uma serpente com asas que, se por acaso saísse, devoraria a todos. Porém, Frei Clemente, missionário do século XVIII, pediu que a população rezasse o ofício de Nossa Senhora e, assim, a serpente perderia suas penas. (Segura, 1937). Hoje, a Cova da Serpente possui dentro dela uma estátua de Nossa Senhora Aparecida - a santa mantém a serpente controlada a amarrando com fios de seus cabelos. (Santuário, 2021).

Em 1966, através da construção de um túnel, surgiu a Gruta de Nossa Senhora da Soledade. Ela possui 46 (quarenta e seis) metros de comprimento, 30 (trinta) metros de largura e mede 1.100 (hum mil e cem) metros quadrados e pode abrigar até 3.000 três mil pessoas. Há quadros das dores de Maria e a imagem do Senhor Morto além das estátuas dos evangelistas Marcos (Leão), Lucas (Boi), João (Águia) e Mateus (Homem). Nos 300 anos da Romaria, em 1990, o espaço sofreu reforma com a melhoria do altar (alteração para a forma de gólgota¹⁵) Atrás desta gruta está a Sala dos Milagres (Micek, 2003; Steil, 1996; Alves, 2014; Santos, 2019).

Figura 07: Altar da Gruta da Soledade



Fonte: Acervo pessoal (2023).

¹⁵ Gólgota, topónimo [local da crucificação de Jesus Cristo] Lugar de grande sofrimento. Sofrimento atroz: calvário, martírio, suplício, tormento, tortura. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/g%C3%B3lgota>. Acesso em: 15 nov. 2021.



A Sala dos Milagres ou Gruta dos Ex-votos é assim descrita por Torres (2020, p. 61):

Nesse lugar se encontram vários objetos, como fotos, cartas, instrumentos musicais, próteses ortopédicas, replica de membros, - como braços e pernas, em madeira ou cera -, muletas, partes de veículos, - como volantes -, como exemplo, que representam o pagamento de algum milagre ou graça alcançados, a partir de pedidos feitos aos santos, ou ao Bom Jesus, do Santuário.

O termo Ex-votos é oriundo do fato de ser um espaço onde são colocados objetos fruto, das promessas e das graças alcançadas por alguém (Oliveira, 2007).

Ex-votos são representações físicas de promessas feitas - votos - e graças alcançadas, por intercessão de algum santo, do próprio Cristo ou da Virgem Maria. No Brasil, e em outros países, há várias igrejas que conservam objetos oferecidos em agradecimentos a promessas: peças de cera ou gesso, representando partes do corpo humano, muletas, cartas, fotografias, carteiras de identidade, peças de roupas, pinturas sobre diversos suportes. (Coelho, 2017, p. 31).

Tais representações descritas por Coelho (2017) podem ser facilmente vistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa e podem ser consideradas os espaços mais visitados pelos romeiros.

Os romeiros deixam os ex-votos - artefatos feitos de madeira ou parafina em formato de partes do corpo, como pés, mãos e cabeças (...) Cartas e bilhetes endereçados diretamente ao santo, com narrativas de pedidos e agradecimentos, fotografia e miniaturas, simbolizando objetos de desejo, como casas e automóveis, podem ser encontrados. É possível ver também muitos outros utensílios, entre os quais muletas, óculos, receitas médicas e contratos (Silva, 2017, p. 98).

Steil (1996) afirma que o ex-voto que visita o santuário de Bom Jesus da Lapa expressa sua fé desde a entrada do local até o pagamento de promessas e graças alcançadas. Na Gruta dos Ex-votos é possível ver a história de fé de quem a visitou: são cartas (endereçadas a algum santo), fotos, maquetes de casas e automóveis, além de muletas e receituário médico. Sobre a fé, Rosendahl (2009) afirma que ela é tanto visível quanto emocionante e desvela um simbolismo único, ultrapassando qualquer concepção seja ela de natureza tradicional ou pós-moderna, de experiência de cunho religioso. Cada utensílio exposto neste espaço é parte significativa da fé e devoção de quem visita o Santuário do Bom Jesus da Lapa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo discorrer sobre a localização geográfica do município de Bom Jesus da Lapa, destacando seus aspectos sociais e econômicos. Importante destacar, que o município, banhado pelas águas do Rio São Francisco, cresceu não sob a importância do “Velho Chico”, mas sim, sob a égide do Santuário, descoberto pelo Francisco Mendonça Mar, conforme sugere Castro (2005).

Outro ponto a ser observado na perspectiva de entender o processo de desenvolvimento do município de Bom Jesus da Lapa foi a análise de documentos que norteiam o tema. O primeiro documento, data da década de 1970 do século passado,



apresenta diretrizes para urbanização da zona portuária da cidade. O que se verifica, na atualidade, é que tal ação apenas mudou os problemas apontados à época para outro lugar: o local continua sem infraestrutura adequada para atender às demandas da população que vive no local. Destaca-se que os documentos datados desse período há diretriz única de remoção da população de áreas consideradas irregulares pela gestão municipal.

No Plano de Desenvolvimento Urbano (PDU) elaborado em 1976, pela primeira as Romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa foram o eixo norteador do documento, além da proposição de diversos marcos regulatórios do município, tais como a estrutura administrativa da Prefeitura Municipal. A ideia de desenvolvimento da gestão municipal prima pelo processo de urbanização do município, porém, sem levar em consideração preceitos de participação popular. Aqui, verifica-se que tal conceito vai na contrária aos preceitos de Krenak (2020; 2021) e de Furtado (1974). Além disso, o pensamento de desenvolvimento (e, conseqüentemente, de sustentabilidade) há predominância de pensamento colonial.

O documento da década de 1990 do século passado apresenta diretrizes para a preservação do entorno do Santuário (que se configurou na criação de uma Área de Proteção Ambiental - APA) como também a criação de diretrizes para o ordenamento urbano do município. O documento mais recente, de 2010, continua com a primazia de discutir questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável do município, principalmente, na preservação e manutenção dos recursos hídricos do município. Porém, o que se percebe é que os elementos que nortearam a elaboração dos documentos, como por exemplo a preocupação com indagações ambientais, continuam sem ação efetiva do município.

O Projeto Formoso foi outro tema debatido neste estudo. Cumpre destacar que um de seus idealizadores foi Celso Furtado e teve como objetivo de evitar o êxodo rural, dentro de um plano de desenvolvimento regional implantado pelo governo JK. Com o projeto, Bom Jesus da Lapa tornou-se o maior produtor de bananas do Brasil e, de acordo com Rocha (2016) o projeto concedeu ao município uma alternativa de produção e renda no município visto que até então, a fonte de renda do município estava atrelada às Romarias.

Em seguida, foi realizada uma descrição da Santuário do Bom Jesus da Lapa. O entorno do Santuário é descrito através de dois elementos: o Santuário em si, e a torre que está em sua entrada. Nas diversas modificações que o entorno do espaço teve, desde sua descoberta, até os dias atuais, constatou-se que o processo de gentrificação é uma constante. O primeiro indício desse processo se deu no início do século passado quando um cemitério (situado ao lado do Santuário) para a construção de via pública para facilitar o acesso dos romeiros ao santuário. Recentemente, em 2020, houve nova modificação do entorno e, o espaço que já possuía poucas árvores acabou ficando com quase nenhuma e o Oeste da Bahia é caracterizado por muito sol e altas temperaturas durante todo o ano (média de 35º graus centígrados).

O interior do Santuário é descrito, nas grutas que, para este pesquisador as principais são: a Grupa-capela destinada ao Bom Jesus da Lapa, a Gruta da Cova da Onça, a Cova do Monge - local em que estão os restos mortais de Francisco da Soledade, a Cova da Serpente - Gruta de Nossa Senhora Aparecida, a Gruta de Nossa Senhora da Soledade e a Gruta dos Ex-votos. No incêndio que aconteceu no Santuário no início do século vinte, a imagem original do Senhor Bom Jesus foi totalmente destruída. Porém, conforme Segura (1937) afirma, para a população e para os romeiros a tragédia acabou



aumentando a gruta e com isso iniciaram a construção da hoje Gruta de Nossa Senhora da Soledade (considerada a maior gruta do Santuário).

O surgimento da cidade de Bom Jesus da Lapa está atrelado à descoberta do Santuário. Diferente de outras ribeirinhas, Bom Jesus da Lapa cresce em função de romeiros ao Bom Jesus. Nesse sentido, o capítulo descreve essa inter-relação através de elementos geográficos, sociais e econômicos do município. A atração de romeiros à cidade é o eixo que norteia as ações de desenvolvimento sócio espacial do município o que pode ser constatado nos Planos Diretores Urbanos idealizados para a cidade que tem, desde 1976, a Romaria como um de seus eixos norteadores.

O turismo desempenha um papel crucial em Bom Jesus da Lapa, contribuindo significativamente para a economia local e para o desenvolvimento da região e traz benefícios tangíveis para a comunidade local e para aqueles que visitam a cidade em busca de experiências espirituais, culturais e naturais. É inegável que, a relação do turismo com a sua vertente religiosa, faz de Bom Jesus da Lapa ser reconhecida como a capital baiana da fé.

REFERÊNCIAS

Abamanssur, E. S. (2003). Religião e Turismo: notas sobre as deambulações religiosas. In: Abamanssur, E. S (org.). *Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus.

Alves, R. S. (2014). *A arte de rezar dos romeiros no Santuário de Bom Jesus da Lapa: tradição e inovação*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus.

Andrade, S. R. (2013). História das religiões e das religiosidades: uma breve introdução. In: Filho, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão. (Org.). *Reconhecendo o sagrado: Reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades*. 1ed. São Paulo, SP: Fonte Editorial,

Barbosa, A. (1995). *Bom Jesus da Lapa: antes do Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio, depois de Monsenhor Turíbio*. Rio de Janeiro: Jotanesi,

Bom Jesus da Lapa: capital baiana da fé (2019). Disponível em: http://www.bomjesusdalapa.ba.gov.br/texto/a_cidade. Acesso em: 31 ago. 2019.

Bourdieu, P. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

Calendário de Romarias (2019). Disponível em: <http://www.portallapaoeste.com.br/2019/05/lapa-divulgado-calendario-das-romarias.html>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Castro, J. R. B. (2005). Espaço e lugar sagrados em Bom Jesus da Lapa-BA: natureza e significados das romarias do Bom Jesus. X Encontro de Geógrafos da América Latina, 20 a 26 de março. *Anais [...]*. Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiahistorica/02.pdf> Acesso em: 6 set. 2021.



Castro, J. R. B (2008). *A topografia do sagrado e a natureza mítica das cidades-santuários: uma leitura a partir de Bom Jesus da Lapa - BA*. Revista Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, n. 24, p. 33-43, jul/dez.

Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa da Universidade Federal do Oeste da Bahia (CMBJL/UFOB). (2021). Disponível em: UFOB. <https://lapa.ufob.edu.br/>. Acesso em 3 nov. 2021.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL (CAR). (1997). Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável - PDRS: Oeste da Bahia. Salvador.

Coelho, B. R. V. (2017). Ex-votos de Congonhas: motivos, devoções, aspectos técnicos, estilísticos e sociais. In: Campos, M. F. H.; Guimarães, H. M.; Coelho, B. R. V. (Orgs.). *Arte e religiosidades: (re) construções de espaços, imaginários e rituais*. Salvador: EDUNEB, p. 31-40; e-book Disponível em: http://eduneb.uneb.br/wpcontent/uploads/2017/08/Arte_e_Religiosidades.pdf. Acesso em: 5 set. 2021.

Coelho Neto, A. S. (2004). *As repercussões espaciais das políticas de irrigação no Vale do São Francisco: uma análise do perímetro irrigado Formoso no município de Bom Jesus da Lapa (BA)*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia. Salvador.

Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF). (2011). Almanaque Vale de São Francisco 2011. Brasília DF, CODEVASF.

Contreiras, A. (2021). *Mapa da Localização Geográfica e Mapa Descritivo de Bom Jesus da Lapa*. Salvador.

Cunha, E. (1985). *Os Sertões*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCH) - Campus Bom Jesus da Lapa da Universidade do Estado da Bahia. (DCTH - XVII / UNEB). (2021). Disponível em: <http://dcht17.uneb.br/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.

Furtado, C. (1963). *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. São Paulo: Editora Fundo de Cultura.

Furtado, C. (1967). *Teoria e política de desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nacional.

Furtado, C. (1974). *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

Harvey, D. (2014). *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes.



Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (1958). Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2021). Bom Jesus da Lapa. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/bom-jesus-da-lapa/historico>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - Campus Bom Jesus da Lapa (IFBAIANO). (2021). Disponível em: <https://www.ifbaiano.edu.br/unidades/lapa/>. Acesso em 11 nov. 2021

LEI COMPLEMENTAR (2010). N. 001, de 02 de fevereiro de 2010. Aprova o Plano Diretor Urbano de Bom Jesus da Lapa Estado da Bahia. Diário Oficial do Município, 11 mai. 2010. Disponível em: <https://dom.imap.org.br/sitefora/index.cfm?varCodigo=91&varPagina=2>. Acesso em 15 nov. 2021.

Krenak, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
Kocik, L. (1988). Maravilhas do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2014.

Mattos, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In Mattos, C. L. G; Castro, P.A. (orgs). *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2020.

Malighetti, R. *Clifford Geertz: o trabalho do antropólogo*. Salvador, EDUFBA, 2018.

Micek, F. (2006). *O primeiro peregrino da Lapa: Francisco de Mendonça Mar*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus.

Miranda, A. F. (1999). A Sacralização do Espaço Sanfranciscano no Oeste da Bahia. *Revista Estudos - Revista da Universidade Católica de Goiás, Goiânia*, p. 275-283, 15 abr.

Mourad, L. N. (2011). *O processo de gentrificação do Centro Antigo de Salvador 2000 a 2010*. Tese de Doutorado. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia.

Oliveira, J. C. A. de. (2007). *Ex-votos escritos: a riqueza e a pobreza da gramática e da ortografia nas salas de milagres do Brasil*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0069-1.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2021.

Oliveira, J. C. A. de. (2008). Três romarias, um patrimônio e muita fé. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, v. 1, n. 2. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19697196-Bom-jesus-da-lapa-tres-romarias-um-patrimonio-e-muita-fe-prof-dr-jose-claudio-alves-de-oliveira-1-resumo.html>. Acesso em: 8 set. 2021.



Oliveira, S. C. C. G. S. S. (2011). *Romarias: um espaço de interação entre a tradição e a modernidade*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Oliveira, S. C. C. G. S. S. (2014). *Romaria do Bom Jesus da Lapa: reprodução social da família e identidade de gênero feminina*. Doutorado em Ciências da Religião. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Rocha, D. P. A (2016). *Projeto Formoso: impactos socioeconômicos e ambientais no município de Bom Jesus da Lapa - BA*. Dissertação de Mestrado - Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano. Universidade Salvador. Salvador, 2016.

Rosendahl, Z. (1996). *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC.

Rosendahl, Z. (2009). *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EduUERJ.

Sá-Silva, J. R.; Almeida, C. D.; Guindani, J. L. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: www.rbhcs.com. Acesso em: 17 dez. 2023.

Santos, S. A. (2015). *Bom Jesus da Lapa BA na rede urbana regional e os circuitos da economia urbana*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Estadual de Campinas.

Santos, S. M. (2019). *Educação, Turismo e Meio Ambiente: a cidade turística como território educativo um olhar da Ecopedagogia*. Paco Editorial. Jundiaí.

Segura, T. V. (1937). *Bom Jesus da Lapa: resenha histórica*. Barra: Gráfica IMPRAMATUR.

Silva, N. D. (2017). *Turismo em Terra de Romaria: um olhar sobre Bom Jesus da Lapa*. Jundiaí: Paco Editorial.

Silva Júnior, J. B. (2020). *Planejamento urbano e segregação socioespacial e ambiental em Bom Jesus da Lapa*. Atena Editora: Ponta Grossa.

Steil, C. A. (1996). *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes.

Steil, C. A. (2003). Romeiros e Turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n. 20. p. 249-261, outubro.

Torres, R. B. (2020). *Religiosidade turística e as suas transformações espaciais no município de Bom Jesus da Lapa: a devoção em Bom Jesus da Lapa - Ba*. Belo Horizonte: Editora Dialética.

Williams, J. (2012). *Pós-estruturalismo*. Petrópolis: Vozes.



Cronologia do Processo Editorial

Editorial Process Chronology

Recebido em: 19/12/2023

Aprovado em: 02/04/2024

Received in: December 19, 2023

Approved in: April 02, 2024